



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JAILSON CAVALCANTE DE ANDRADE

**MORRE O HOMEM, NASCE O MITO: O VELÓRIO DE EDUARDO CAMPOS E
SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

JAILSON CAVALCANTE DE ANDRADE

**MORRE O HOMEM, NASCE O MITO: O VELÓRIO DE EDUARDO CAMPOS E
SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553m Andrade, Jailson Cavalcante de.
Morre o homem, nasce o mito [manuscrito] : o velório de Eduardo Campos e suas múltiplas representações / Jailson Cavalcante de Andrade. - 2018.
54 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de História - CEDUC."
1. Política - Brasil. 2. Mito político. 3. Morte - ritualizações.
4. Eduardo Campos. I. Título

21. ed. CDD 981

JAILSON CAVALCANTE DE ANDRADE

**MORRE O HOMEM, NASCE O MITO: O VELÓRIO DE EDUARDO CAMPOS E SUAS
MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 22/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr. Patrícia Cristina de Aragão

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Jordan Queiroz Gomes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais pelos esforços cujos quais não podem ser medidos; A todos que perante o decorrer dessa trajetória contribuíram eficazmente; Aqueles que se interessam sobre a temática; E a mim mesmo por nunca desistir e jamais deixar de sonhar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, aos meus pais, o Sr. Justino Cavalcante de Andrade, e a Sr. Josefa Caboclo da Silva Andrade, pela luta constante, apoio e influência positiva perante todo o decorrer de minha vida, pessoas essas, cujas quais sou apenas o reflexo de suas virtudes e que orgulham-me constantemente por serem exemplos a se seguir, pois ambos contribuem efetivamente para minha educação e a da minha única irmã a Jailma da Silva Andrade.

Aos meus amigos, cujos quais são consideravelmente poucos, mas que possuem mais qualidades que uma centena de conhecidos, amigos esses que carregamos junto a “bagagem da nossa vida”, e a todos que conheci e que tornaram-se também amigos ao longo da graduação.

A alguns professores do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que foram capazes de contribuir perante a minha formação.

A partir da ordem de épocas, lugares e contextos de minha vida, gostaria aqui de agradecer a três professores que por mim serão carregados na memória e salvaguardados do esquecimento proposto e efetuado pelo tempo pois a importância dos mesmos em minha vida acadêmica foi imprescindível, professores esses, cujos quais no tempo presente estão a atuar no curso de História da UEPB e que foram e serão para sempre “meus professores”, meus amigos!

A primeiro momento, gostaria de agradecer ao professor Dr. Iordan Queiroz Gomes, cujo qual serviu como “estopim” para minha escolha do curso e me ajudou frente a tal decisão, pois conheci o mesmo ainda no ensino médio e desde já o mesmo não mediu esforços para me ajudar a ingressar no curso de história da UEPB, a você Iordan Obrigado! Pela oportunidade cuja qual me proporcionastes e pelas pessoas INCRIVEIS que me ajudasse a conhecer, saiba que o material de estudo que me destes no terceiro ano do ensino médio me ajudou e me fez entrar neste curso cujo qual hoje finalizo, eu sempre agradecerei a você por isso...

A segundo momento, pois foi a segunda pessoa marcante cuja qual tive o prazer e satisfação de conhecer é a professora Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araujo, mulher que frente a minha visão é o maior exemplo de humanidade, amor e dedicação pelo que faz, professora Patrícia saibas que és GRANDE, e que Deus e o mundo ainda tem muito a te oferecer, saibas que além de uma GRANDE pessoa és uma GRANDE mulher, saibas que você foi a luz que surgiu em meio a momentos difíceis cujos quais me indaguei sobre o futuro da minha

continuidade no curso, saibas que você é o maior expoente de ser humano que eu já encontrei perante o decorrer de toda minha vida, você inspira e com isso eu tenho a plena convicção de que jamais serás por mim esquecida, então gostaria eu de dizer obrigado! Por seres esse ser de luz.

A terceiro momento, gostaria de agradecer ao Dr. José Adilson Filho, meu orientador, um grande homem, um super mestre e um excepcional amigo! A pessoa mais racional que conheci na vida, um ótimo profissional, um espelho a se seguir, mais um dos quais o tempo não irá fazer-me esquecer, obrigado por tudo, serei sempre um seguidor “adilsoniano”, saibas que também és GRANDE...

A minha turma 2014.2 por me acompanhar perante o decorrer dessa caminhada, e por conter em si pessoas fantásticas cuja qual tive o prazer de conhecer e conviver, pessoas como Katarina Moura, Marta Almeida, Sheila Albuquerque, Eduarda Silva, Yane Barros, Débora Deyse, Anna Karoline e Jaédina Macedo. Sem esquecer de Diogo Patrício e Gustavo Vinicius. Saibam que em meio a esses quatro anos entre sofrimentos e alegrias todos vocês por mim jamais serão esquecidos, toda a minha turma faz parte de minha história.

A minha amiga Monyke do Nascimento Crispiniano (Mona), uma pessoa incomparável, uma amiga insubstituível cuja qual “levantou-me” em momentos cujos quais eu não encontrava o chão, a você obrigado por existir e por ser essa pessoa maravilhosa.

Ao meu antigo grupo Aplicação e a meu grupo do PIBID (Syvilla, Monyke, Biágio, Liliane), do ano de 2015, saibam que vocês foram essenciais para a minha formação e desenvolvimento, não só humano como também pessoal, sinto muito a falta de vocês e esse é um vazio que sempre irá ficar.

Ao meu maior orgulho, a minha maior conquista desses quatro anos dentro do curso de História na UEPB, (meu monstrinho, meu carrapato, meu grude), minha melhor amiga! Katarina Moura Albuquerque, saiba que com lagrimas irei responder no momento que a saudade de ti bater, saibas que ela vai bater forte tão forte que o coração não vai hesitar em lembrar do quanto foi gratificante os momentos ao teu lado, sabemos que a vida é injusta e um dia poderemos nos separar, mas quero que saibas que você foi o maior presente que uma graduação poderia dar a uma pessoa, jamais esquecerei do seu sorriso e do quanto me fazias feliz quando estava eu imerso na solidão. Obrigado por ser esse “monstrinho” extraordinário,

saibas que um dia irás colher todos os frutos maduros que a vida tem a lhe oferecer pois você merece muito, obrigado por existir!

E por fim...

Gostaria de agradecer a pessoa que no momento presente fez parte de todas essas realizações, que incentivou-me a concluir esse trabalho e que diariamente vem a me fazer companhia, Julia Aguiar, saibas que o futuro é incerto, a vida é líquida, tudo está sempre em constante mudança, porém o passado se diferencia e perante o momento em que estou eu aqui a escrever gostaria que soubesse que eu sinto-me totalmente feliz por ter na vida essa menina simples, meiga e gentil, também és grande e tenha certeza que Deus irá trilhar seu caminho com muitas realizações pessoais, desejo a ti toda a felicidade que o mundo possa te dar, és grande, és luz, és exemplo, és o mais alto grau de pureza do que se chama FELICIDADE, obrigado por seres essa pessoa maravilhosa!

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas informações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”.

(NORA:1993)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar histórica e sociologicamente as representações e ritualizações produzidas em torno da morte de Eduardo Campos, ex-governador do estado de Pernambuco e candidato à presidência da república em 2014. Trata-se, pois de um ícone da política estadual e nacional, tanto Eduardo Campos quanto seu avô Miguel Arraes foram personagens alçados à condição de grandes líderes da política pernambucana, onde após suas mortes houve todo um trabalho de consagração dos seus nomes, através da criação ou alteração de lugares de memória com seus respectivos nomes (escolas, hospitais, monumentos, praças, etc.). Contudo, aqui, o principal foco de interesse é investigar as estratégias de setores da mídia e de aliados da família no sentido de promovê-los em espectros políticos duradouros, fundamentais para manutenção e projeção de novos membros do clã ou de atores ligados a eles. Esta pesquisa se vincula aos domínios da Nova História Política e se apoia nas contribuições de diversos historiadores e teóricos do campo das ciências sociais, tais como Peter Burke (2011), René Remond (1986), Bourdieu (2005), Bauman (1999), Marcelino (2016), entre outros. E do ponto de vista metodológico sua abordagem foi desenvolvida sob os auspícios da análise de conteúdo, a partir da interpretação de imagens fotográficas, charges, textos de jornais escritos.

Palavras-chave: Eduardo Campos, Morte e Ritualizações, Mito Político.

ABSTRACT

This work intends to analyze historically and sociologically the representations and ritualization's produced around the death of Eduardo Campos, former governor of the state of Pernambuco and candidate for the presidency of the republic in 2014. It is, therefore, an icon of state and national politics, both Eduardo Campos and his grandfather Miguel Arraes were characters raised to the status of great leaders of politics in Pernambuco, where after their deaths there was a whole work of consecration of their names, through the creation or alteration of places of memory with their respective names (schools, hospitals, monuments, squares, etc.). However, the main focus of our interest is to investigate the strategies of media and family allies in order to promote them into enduring political specters, fundamental for the maintenance and projection of new clan members or actors connected to them. This research is linked to the fields of New Political History and relies on the contributions of several historians and social science theorists, such as Peter Burke (2011), René Remond 1986), Bourdieu (2005), Bauman (1999), Marcelino (2016), among others. And from the methodological point of view, its approach will be developed under the auspices of content analysis, from the interpretation of photographic images, cartoons, and written newspaper texts.

Keywords: Eduardo Campos, death and ritualizations, political myth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Homenagem a Campos”	25
Figura 2 – Pesquisa realizada pelo IPESP	28
Figura 3 – Publicação Jornal El país	37
Figura 4 – Marina Silva sorrindo ao lado do caixão I	41
Figura 5 - Marina Silva sorrindo ao lado do caixão II	42
Figura 6 - “Não Vamos Desistir do Brasil”	45
Figura 7 - “A linhagem de Doutor Miguel Arraes ainda Existe”	47
Figura 8 - João Campos	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IPESP	Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
PT	Partido dos Trabalhadores
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSDB	Partido da social Democracia Brasileira
PIBIC	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A PROJEÇÃO DO LIDER EDUARDO CAMPOS	21
3 A ELEVAÇÃO AO MITO/CRIAÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA	30
4 O VELÓRIO EM IMAGENS E REPERCUSSÕES	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1. Introdução

Como sabemos, a política e suas especificidades sempre ocuparam um papel importante na sociedade, e a partir de determinada situação o interesse pela temática se fez evidente por parte de diversas pessoas ao longo dos séculos, formando assim inúmeros autores que contribuíram efetivamente por terem se empenhado e se debruçado sobre o tema cujo resultado desses esforços explicitamente resume-se a vasta produção de obras do gênero, cuja qual temos na atualidade.

Historiograficamente temos as obras situadas dentro do campo da história política a partir de dois viés resultantes do contexto em que as produções estavam inseridas e assim encontravam-se sob influências divergentes, ou seja, temos as produções de cunho político pré e pós anos 70 que apresentam perspectivas de produção e abordagens distintas (ao citar tal exemplo refiro-me as diferentes formas de como algumas obras inicialmente abordavam determinados conteúdos, a exemplo daquelas que privilegiavam determinadas classes sociais em detrimento das outras, ou aquelas que silenciavam as vozes que divergentes)¹, portanto, como pode-se entender a historiografia política caracteriza-se em dois momentos.

É a partir da década de 1970-80 que ocorre um significativo processo de renovação da história política, processo esse que se caracteriza justamente por “romper” ou dar “nova roupagem” aquela forma de escrita que inicialmente vigorava e que após esse período passa a ser denominada como uma história política tradicional. Desde então, o interesse pela política e seu fazer historiográfico revigora-se consoante as mudanças de perspectiva germinadas dentro da própria historiografia, com ênfase na de origem francesa.

Sendo que a história política tradicional nas palavras de Rémond (1996, p.15) apresentava características em que: “No Antigo Regime, a história era naturalmente ordenada tendo em vista a glória do soberano e a exaltação da monarquia”. Ou seja, a história política tida como tradicional (no caso, a história política antes do advento da nova história) apresentava-se na maioria das vezes de forma que o foco/abordagens principais das produções existentes estavam nos atos dos “grandes homens” ou na centralidade e importância do Estado-nação, a maneira que esse tipo de fazer histórico constituía-se e era tomado como um fazer metódico ou positivista.

Porém, na perspectiva da nova história política ainda segundo Rémond (1996, p.15): “Em vez de fixar-se na pessoa do monarca, a história política voltou-se para o Estado e a nação,

¹ A exemplo dessa abordagem, recomenda-se a leitura do trabalho da Maria de Lourdes Mônaco Janotti, intitulado de “O Diálogo Convergente: Políticos e Historiadores no Início da República.

consagrando daí em diante suas obras á formação dos Estados nacionais, as lutas por sua unanimidade ou emancipação [...]”, então, dentro dessa perspectiva o intuito do presente trabalho se caracteriza por ser a realização de uma análise histórica e sócio-antrópologica dos fatos ocorridos nesse contexto cujo qual foi escolhido como o tema a se produzir.

Ressaltando que essa forma de escrita da história passa a buscar novas maneiras do fazer historiográfico e que traz os “excluídos” à tona juntamente inserindo todos os personagens desse “teatro” no contexto da produção, ou seja, para questões de reafirmação da proposta dessa produção e também dentro do contexto dos horizontes e perspectivas teóricas aqui tomadas.

Essa é uma forma de fazer história que inclui as contribuições de todos os membros da sociedade, sociedade e seus componentes que inserem dentro dessa discussão como protagonistas principais da “trama” obtendo assim uma visão distanciada do trabalho que exaltava os mais afortunados. Pois como característica dessa nova história Rémond (1996, p.16) mostra que:

[...] a nova história considerava as estruturas duráveis mais reais e determinantes que os acidentes de conjuntura. Seus pressupostos eram que os comportamentos coletivos tinham mais importância para o curso da história que as iniciativas individuais, que os fenômenos registrados numa longa duração eram mais significativos e mais decisivos que os movimentos de fraca amplitude, e que as realidades do trabalho, da produção, das trocas, o estado das técnicas, as mudanças da tecnologia e as relações sociais daí resultantes tinham mais consequências, e portanto deviam reter maior atenção dos observadores, que os regimes políticos ou as mudanças na identidade dos detentores de um poder cujas decisões, segundo se entendia, só faziam reduzir o estado da relação das forças sociais, ou refletir realidades anteriores ás escolhas políticas.

Como pode-se perceber Rémond dentro do período em que o mesmo se insere, e produz algumas de suas obras torna-se um dos percussores dessa nova história política e a citação acima traz em si uma reflexão sobre o novo modo de fazer historiográfico onde se interessa mais as relações de poder do que o individualismo e contribuições dos “grandes vultos históricos”, e é a partir de influências de obras do tipo e dessa corrente historiográfica que o trabalho aqui está sendo realizado, portanto:

Para clarear a relação da teoria, por um lado, com esses processos que a produzem e, por outro, com aqueles que lhe servem de objeto de estudo, o meio mais adaptado seria um discurso que relata uma história [...] (CERTEAU, 2011, p.162 Apud: MARCELINO,2014, p.3)

A história do tempo presente (termo bastante autoexplicativo) está a cada vez mais notória e frequente em meio a nossa sociedade atual, vivenciamos hoje em pleno século XXI a uma enorme onda tecnológica que acentua de forma rápida, gradativa e eficiente a difusão de

informações em meio a sociedade. É a partir dos jornais, redes sociais, rádios, programas de TV e outros meios de profusão de ideias em massa que ideologias podem ser propagadas e difusas as grandes massas.

A ideologia, a mensagem que o discurso (a grosso modo não importando por qual meio ele é propagado ou difuso as massas) propõe repassar pode ser analisado e essa análise torna-se importante para que nós enquanto pesquisadores possamos problematizar os acontecimentos perpassados e que giram em torno da sociedade, evidenciando em si os desdobramentos de seus efeitos e os resultados do mesmo em determinados aspectos ou em determinadas sociedades, é a partir dessa concepção que Debord (1989, p. 115) cita que:

[...] Na escrita, a linguagem atinge sua plena realidade independente de mediação entre as consciências. Mas essa independência é idêntica à independência geral do poder separado, como mediação que constituiu a sociedade. Com a escrita aparece uma consciência que já não é sustentada e transmitida na relação imediata dos vivos: uma memória impessoal, que é a da administração da sociedade.

Ou seja, Guy Debord em seu livro “A sociedade do Espetáculo” também demonstra que o modo de difusão do discurso possibilita determinadas mudanças em algumas circunstâncias ou ocasiões, discursos esses que em algumas vezes são capazes de evidenciar determinados temas e sobrepor memórias à medida que os mesmos tornam possíveis a adição de determinados tipos de memórias de uma identidade pessoal a que proporcionem algum interesse individual e que podem ser anexadas por meio da propagação.

E perante o decorrer de todo o ato fúnebre de Campos essa situação esteve presente, pois a memória do mesmo que se estava sendo repassada e constantemente evidenciada não só pela mídia tanto local quanto nacional, mas também por sua família e aliados políticos era a de um Eduardo Campos político, forte, nacionalista, “apaixonado” por seu estado.

A exemplo disso podemos observar as imagens do mesmo que estavam constantemente presente em quase todo lugar e que inclusive as que eram levadas por sua família e eleitorado, imagens essas que o mostravam como um cara feliz e sorridente, porém em meio a essas cenas estavam nítidos os interesses pessoais de determinados personagens como a exemplo da própria vice de sua chapa, Marina Silva, e tantos outros que não cessavam de deferir adjetivos a figura do falecido.

Lembremos que, a funcionalidade do discurso enquanto difuso em grande proporção é capaz de alicerçar determinadas funcionalidades, sendo o mesmo altamente capaz de influenciar grande parte de seus receptores e tornar-se parte da realidade em que eles acreditam, ou em algo aceitável.

Fator que comprova-se ao vermos que perante o percurso do velório milhares de pessoas acompanhavam o carro cujo qual seguia com o corpo, ou os que não tentaram aguardaram apreensivamente a chegada do cortejo ao cemitério, tudo isso perceptível nas reportagens onde as massas eram vistas com ar de luto ou levando a imagem de campos por meio de fotos e símbolos.

Esse fato ocorre claramente no tema que estamos trabalhando pois com a gama de informações que foram difusas sobre a “trágica” morte do Eduardo Campos esse fato torna-se realmente algo trágico aos olhos da sociedade e com isso emerge a comoção em massa da população, não só local ao fazer referência ao estado mas também nacional, ou seja, os jornais em sua maioria apresentaram essa notícia como algo trágico (digno de pena) e de imediato a população acolhe o luto e se manifesta com o intuito de demonstrar sua solidariedade “santificando” o personagem.

Então o assunto que aqui nesse dialogo será abordado faz referência única e especialmente ao estudo de funerais como liturgias cívicas, em especial no caso de Eduardo Campos (cujo qual teve sua morte no ano de 2014), ou seja, essa pesquisa aqui realizada traz como discussão as formas de ritualização do poder e as disputas pelo imaginário político na conjuntura da morte de grandes líderes políticos como o próprio Campos.

Portanto a presente pesquisa aqui realizada tem por finalidade apresentar uma análise de elementos marcantes no velório do ex-governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, o qual encerrou sua carreira política de forma trágica, antes do início da discussão é importante frisar que o mesmo era candidato à presidência pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) e veio a falecer na manhã da quarta-feira do dia 13 de agosto de 2014 em decorrência de um acidente aéreo que culminou no total de sete mortes na região de Santos, litoral de São Paulo.

É importante mais uma vez salientar que o trabalho aqui realizado tem como objetivo geral a produção de uma reflexão e interpretação dos usos políticos que se deram e foram possíveis a partir dos acontecimentos que resultaram na morte do jovem governador e presidenciável Eduardo Campos, personagem cujo qual possuía um considerável nível percentual de avaliação positiva por parte da população do estado em que o mesmo governava enquanto vivo, Pernambuco.

É importante frisar que esse alto percentual de aprovação por parte dos eleitores de seu estado foi um dos fatores importantes para o desenrolar da situações e tentativas de torna-lo

mito em sua terra, pois esse determinado sentimento de “aceitação” ou aprovação do mesmo corrobora com o despertar do luto nacional das massas.

Pois com isso não torna sua morte como apenas um político ou um alguém qualquer, sua morte é tomada com sentimento de pena pois o mesmo ao ter a representatividade como um bom político ao morrer deixa a população com o sentimento de que o mesmo ainda se tinha a desejar, o imaginário de que ele ainda beneficiaria grandemente a população perante sua gestão ainda fica no ar e ao morrer essa também torna-se uma grande perda, que no caso seria uma perda de benefícios que supostamente seriam feitos para o bem da população.

Tais dados de avaliação positiva da figura do mesmo serão apresentados perante o decorrer do trabalho para que nos seja possível fornecer a partir de dados concisos uma imagem da liderança exercida por ele no estado que governou por duas vezes, e dar ênfase aos usos e apropriação da imagem do mesmo no contexto pós-morte onde buscou-se efetivamente por terceiros a obtenção de benefícios políticos e apropriação e difusão de determinada memória do morto na sociedade.

Esse trabalho que aqui está sendo realizado contém primordialmente uma tentativa crítica de análise dos fatos ocorridos no velório e após o mesmo, e é de suma importância deixar claro que o mesmo não visa a tentativa de enaltecer a figura do personagem pois é simplesmente uma visão analítica e crítica das tentativas que se fazem presente para o seu enaltecimento, porém esse é um dos movimentos importantes para a compreensão dessa temática de mitificação política pois o enaltecimento de determinado personagem é um dos pontos cruciais para o surgimento de um mito político, e são essas memórias do mesmo como benfeitor que o levam ao patamar de “santificado”.

Como vivemos numa modernidade líquida” (BAUMAN,1999) o historiador deve também compreender a própria liquidez das suas próprias ideias e ferramentas. É interpelado a refletir sobre as realidades, sobretudo, as mais próximas de si, a partir de uma sensibilidade que os aproxima dos sujeitos da pesquisa, uma vez que ambos compartilham das mesmas categorias e imagens do tempo vivido, e perante o desenrolar desses acontecimentos podemos perceber o simbolismo, o imaginário e a questão de tradição que se tenta instaurar sobre a figura do personagem.

Portanto, o Tempo Presente é este tempo que junta numa linha a observação do pesquisador à trama dos fatos narrados. Esta pesquisa insere nas abordagens do Tempo Imediato, ou seja, aquele mais próximo da vida do pesquisador. Trata-se, pois, de uma história feita no calor dos acontecimentos. Uma história quente, dinâmica e cheio de dramaticidade,

simbolismo e significados. Quando pensamos que estamos vivendo sob o prisma de uma sociedade espetacularizada, a morte de celebridades ou políticos importantes tornam-se acontecimentos singulares.

Tomando como inspiração uma das reflexões uma vez feita pelo Dr. José Adilson Filho, referente a temática da história do tempo presente, precisamos entender que:

Interpretar a experiência e a ação dos homens e das mulheres através das várias temporalidades torna o historiador um artesão do tempo, um sujeito cuja sensibilidade lhe permite observar e auscultar com relativa profundidade e poética os movimentos, as mudanças, as tensões, as alegrias e os sofrimentos de indivíduos e dos grupos sociais. Essa sensibilidade não o leva apenas a olhar e a falar de um tempo distante da sua existência. Tal qual um pássaro ele atravessa com seu voo as mais altas, baixas, remotas ou próximas paisagens sócio-temporais. Não importa sobre qual período histórico o historiador se debruçará, uma vez que sua investigação sempre estará apoiada num olhar retrospectivo, ou seja, num recuo temporal, a despeito do seu objeto lhe ser demasiadamente contemporâneo. Nesse sentido, os temas mais próximos e viscerais à sua experiência como ator social são também passíveis de uma análise histórica e, portanto, não devem ser negligenciados ou simplesmente colocados como área exclusiva dos sociólogos, jornalistas, cientistas políticos e antropólogos.

Pensando com o poeta Carlos Drummond de Andrade, diríamos que *o tempo presente, os homens presentes e a vida presente* são também a matéria do historiador e, não apenas aquilo que ficou ossificado pela longitude temporal.

Portanto para fins introdutórios é relevante dizer que o presente trabalho divide-se em três momentos, na primeira parte se é trabalhado sobre a projeção que Eduardo Campos tinha como líder político estadual, ou seja, a primeiro momento se é demonstrado um pouco sobre como Campos era “visto” enquanto regente do estado, apresentando dados estatísticos para fins de justificativa podemos dentre essa primeira situação perceber que tal qual seu avô Arraes, Campos era de certa forma “adorado” por seus eleitores e população do estado, primeiro aspecto que vem a corroborar com o fato de que após sua morte sua família e partido político tenta tornar sua figura como a de um grande líder e assim “cristaliza-lo” como um referencial para que futuros familiares possam adentrar na vida política, fator primordial para que o processo de mitificação possa acontecer, pois não pode-se se heroicizar alguém que não seja “amado”.

O segundo momento desse trabalho refere-se a tentativa dos diversos setores como novamente de sua família e partido de elevar a figura já do falecido Eduardo Campos a condição de mito político, com isso passa-se de forma efetiva a espalhar seu nome perante diversas

instituições e prédios dentro o estado, tentativa que visa a preservação da memória do mesmo a partir dessa criação de lugares de memória, fator que acontece com mais fortemente dentro da esfera do Estado de Pernambuco.

Ao concluir-se o presente trabalho com o terceiro momento, temos aqui uma das partes mais interessantes (se assim posso citar) da discussão pois é nesse momento que na prática é demonstrado a partir das fotos do velório toda a “espetacularização” que se fez constantemente presente.

Portanto cada capítulo visa a explicar por partes os acontecimentos que aqui estão sendo abordados, e ao término da leitura com a contribuição de cada parte desta obra poderá ter-se uma noção dos fatores que transcenderam o “simples” ato fúnebre, e perante o decorrer dessa produção ressalta-se que o ocorrido não emerge pela primeira vez, mas é algo que já se sucede no Brasil desde o período de Tancredo Neves, porém essa situação é algo que não ocorre com frequência, mas sim em casos raros e isolados.

O percurso metodológico definiu-se por uma abordagem qualitativa, o que significa dizer que se valorizado, sobretudo, os aspectos não mensuráveis relativos às subjetividades dos indivíduos, tais como discursos, representações, sentimentos, memórias. Ou seja, a preocupação maior se deu em apreender os sentidos e significados impressos pelos atores à política e ao processo de construção do mito. Como já dito anteriormente, essa pesquisa se inscreve numa abordagem chamada de História do Tempo Presente, sendo seu objeto de estudo extremamente contemporâneo do pesquisador. Portanto, sujeito e objeto vivem numa época carregada de imagens, discursos, efemérides, típicas de uma modernidade líquida. (Bauman:2000)

Na sociedade atual, moderna e capitalista, a cultura tende a assumir uma dimensão fundamental para legitimação da ordem social. A própria economia, mas também a política se transforma em imagens espetaculares. Numa sociedade do espetáculo (Debord, 1997) a legitimidade, a permanência e a consagração do ator político passam pela mediação da economia das imagens e dos discursos. Daí ser necessário ao pesquisador procurar e indagar os materiais que produzem tais evidências no olhar, conforme acentua François Hartog (2012). Assim, jornais impressos, revistas, blogs políticos, fotografias, charges, programas televisivos e radiofônicos e a publicidade tornam-se fontes indispensáveis para o pesquisador que estuda os “tempos fraturados”, para usar a bela expressão cunhada por Eric Hobsbawm (2000).

Em função desse pressuposto abordagem apoia-se na análise e interpretação dos conteúdos das seguintes fontes:

- a) **Jornais** Impressos e Online: Jornal Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, Folha de Pernambuco, Folha de São Paulo, Estadão e o O Globo
- b) **Fontes visuais**: charges e fotografias produzidas por jornais, revistas e blogs pernambucanos e de outras regiões do país;
- c) **Entrevistas temáticas** com alguns cidadãos-eleitores de condição socioeconômica e cultural diferentes, tais como representantes políticos, jornalistas, acadêmicos, artistas, feirantes, populares, estudantes, entre outros para captar seus sentimentos e representações acerca do referido personagem bem como da política de grupos na cidade e no estado;
- d) Além da **análise e interpretação** de alguns artigos produzidos sobre tais personalidades mortas e seus respectivos velórios, durante o calor dos acontecimentos.

Locais pesquisados: Os arquivos das empresas responsáveis pela preservação dos jornais citados, os sites dos jornais online, revistas e dos blogs, os acervos do Arquivo público Estadual de Pernambuco e da Fundaj, ambos localizados na cidade do Recife. Já os depoimentos orais, advindos das entrevistas, serão obtidos em diferentes lugares simultaneamente (lares, universidades, prefeitura, câmara de vereadores, feiras, etc).

2. A PROJEÇÃO DO LÍDER EDUARDO CAMPOS.

A figura de Eduardo Campos ganhou relativa projeção a partir de uma gestão considerada eficiente e moderna. Durante seu governo o estado cresceu economicamente mais do que os demais estados da federação. Todavia, vale frisar, que o estado fora o mais beneficiado pelo governo Lula, principalmente durante seu período mais próspero. Além do mais o Eduardo Campos fora eficiente em investir maciçamente no marketing político e pessoal.

Com efeito, Eduardo Campos atingia altos índices de aprovação popular. Deixando seu segundo mandato como uma figura altamente popular enquanto governador do Estado de Pernambuco, conforme o IBOPE Campos possuía 76% de aprovação da população que considerava sua gestão governamental como boa ou excelente, colocando-o como o governador

mais popular do Brasil dentre os outros 11 que participaram da pesquisa, tomando sua gestão destaque na área de capacitação profissional, educação e geração de empregos².

Como podemos perceber a partir dos dados levantados pelo IBOPE sobre a gestão de Campos em Pernambuco a grande maioria da população do Estado aprovava sua liderança, sendo que outra questão importante levantada faz referência a imagem de sua gestão que ele sempre tentou repassar como algo favorável e eficiente, ou seja, Campos sempre tentou promover sua alto-imagem frente a sociedade.

Sendo que, não apenas esse site como inúmeros outros demonstram claramente uma ótima avaliação do governo de Eduardo Campos no estado, o que logicamente foi fortemente usado mais tarde por ele como capital político para se constituir como a principal liderança de Pernambuco e se projetar nacionalmente como uma alternativa política.

Como todo “bom político” ele não fez diferente e usou de sua trajetória como forma de se promover, e para a obtenção de determinados fins que seria se justificar como uma ótima escolha a presidência o mesmo usou e abusou massivamente de seus feitos perpassando então sua imagem como ótimo referencial político a se escolher.

Esse, de fato, fora seu objetivo principal. Mas para isso teria que romper uma aliança de sucesso com Lula, seu padrinho político. Algo que aconteceu através da ruptura com o governo de Dilma³. Campos enquanto vivo e perante sua carreira política demonstrava sempre tornar seus discursos/mensagens impactantes, algo que buscasse tocar o sentimento da sociedade, o mesmo sempre buscou passar uma imagem de si próprio como um homem do povo, uma figura pública, um cara que tentava espelhar sua imagem como uma pessoa simples tal como fazia seu avô Miguel Arraes, ambos tentavam associar suas respectivas imagens ao “povão” as grandes massas e com isso atribuir suas figuras ao imaginário de pertencimento a mesma classe social da grande maioria da população e a partir daí formando então um contexto social hegemônico.

Eduardo Campos buscará viabilizar-se no plano nacional como a alternativa mais qualificada ao dualismo hegemônico do PT e PSDB. Tal projeto se efetivará quando houve a

² In: Calvario.F.2013. **Governo de Eduardo Campos é o mais popular do país, diz CNI/Ibope**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/07/25/eduardo-campos-cniibope.htm#fotoNav=17>. Postado em: 25/07/2013, acesso em: 02/11/2017.

³In: jornal o globo, disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/oglobo.globo.com/brasil/em-seu-discurso-mais-forte-eduardo-campos-critica-pt-o-governo-dilma-11498319%3Fversao%3Damp>. Postado em: 04/02/2014, acesso em: 10/12/2017.

formalização da chapa encabeçada por ele e Marina Silva, como vice para as eleições de 2014. Apesar de ser ainda pouco conhecido nacionalmente, com menos de 10% nas primeiras pesquisas de intenções de voto e mesmo tendo uma vice mais conhecida e “popular”, havia a crença de que ele poderia se beneficiar do desgaste do governo Dilma e da própria polarização PT-PSDB, vindo a constituir-se numa verdadeira alternativa.

Mas antes mesmo que tal projeto viesse a se consolidar, o jovem e eloquente candidato veio a falecer tragicamente num acidente de avião, ocorrido no dia 13 de agosto, na cidade de Santos – SP, durante os primeiros dias oficiais de sua campanha pela corrida presidencial. A trágica morte de Eduardo Campos ocorrera num momento de intensa disputa política regional e nacional, no qual diversas forças buscaram se apropriar dela para obtenção de benefícios políticos e eleitorais.

A morte trágica de qualquer cidadão traz impacto, mas quando isso ocorre com figuras públicas, a comoção por parte do público é significativamente maximizada. Um fenômeno que é orquestrado pelas mídias, especialmente pelos canais de televisão numa extensa cobertura jornalística que apelam à emoção dos telespectadores. A temática da morte é tomada como espetáculo midiático (ROCHA; Apud: SANTOS, 2013) e isso tem implicações numa corrida eleitoral.

Como cita Bauman (1999, p.140), “[...] A história do tempo começou com a modernidade, de fato, a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história.” Ou seja, vivemos no tempo dos acontecimentos e graças a modernidade a profusão de ideias e a disseminação de ideologias está cada vez mais rápida e difusa alcançando sempre o maior número pessoas, e atualmente presenciamos tudo isso em primeira instancia graças a essa “era da informação tecnológica” em que “não se precisa” mais unicamente estarmos presos a métodos que adiam o tempo da circulação de informações já que o espaço dos acontecimentos não mais se prendem ao local do ocorrido, pelo contrário, esse local do ocorrido não é mais uno e limitado aqueles que estejam ali presentes pois expandem-se a todos a partir do advento da internet e informação.

A partir da penúltima citação anterior (Santos, 2013) traz uma abordagem bem interessante onde afirma que a morte trágica de qualquer cidadão traz impacto! De fato, essa é uma questão possível de questionar até em relação a nossas próprias vidas, a tomar como exemplo momentos cujos quais perdemos entes queridos isso na esfera do particular, a partir dessa pequena colocação ao tentar reconstruir ou rememorar algum acontecimento ocorrido

dessa origem em nossas vidas é interessante indagar, quando perdemos alguém querido em nossas vidas na maioria dos casos o que acontece? Reflita!

Em menção particular a primeiro momento sofremos um impacto altamente relevante devido a intensidade da informação que recebemos e por ser ela totalmente inesperada, logo após isso quando as coisas vão se acalmando surge a comoção, a “sacralização” do personagem onde suas virtudes sobrepõem seus defeitos, gerando todo esse imaginário em uma forma de comoção, veneração, adoração de determinado personagem que finaliza aqui nesse mundo sua existência. A partir do momento em que a vida se esvai do corpo de qualquer um, a única coisa que restará serão as memórias, cujas mesmas darão privilegio aos grandes feitos do mesmo como uma tentativa de suprir a dor da perda.

Vale lembrar que o cortejo fúnebre e todas as suas especificidades são uma tradição perante as mais remotas épocas e distintas sociedades, e isso ocorre de forma sistematizada, e ao finalizar esse processo temos as formas de ritualização, em dias atuais por exemplo relembra-se as datas do acontecimento e rememora-se a partir de algum ato como o religioso de celebrações em memória do falecido, fazer orações, levar flores e coisas do tipo, esses relatos cujos quais estou aqui apresentando estão referindo-se a uma escala micro, ou a um velório comum que ocorre cotidianamente em esferas particulares e individuais.

Já no caso do velório de Eduardo Campos essas questões foram consideravelmente maiores do que acontece normalmente, a exemplo disso temos as diversas missas que por sua memória foi celebrada perante todo o estado, contando também com a massiva presença da população que durante todo momento acompanhou seu cortejo.

E qual a finalidade dessas indagações? Eu estou tentando explicar que tudo isso aconteceu no velório do Eduardo Campos, porém em uma escala macro/maior, não como algo reduzido, mas sim como um acontecimento transmitido a nível nacional e principalmente local ao se tratar do estado de Pernambuco que comove as grandes massas e inicia o processo de “canonização” do personagem, fatores esses que tornaram-se possíveis graças a forte presença da mídia perante todo o decorrer da situação.

Ou seja, o que existiu de “especial” nesse acontecimento foi especificamente a projeção que a situação ocasionou, pois deixou de ser uma perda individual e passou-se a intensificá-la a partir do momento em que esse fato passa a ter cobertura e repercussão nacional, pois essa

cobertura passou a tudo se intensificar e se expandir, desde o fato “simples” do enterro do corpo ao mais complexo que remete a comoção pela perda.

Ao referirmo-nos ao contexto político em que Campos estava inserido temos mudanças significativas e interessantes em relação ao mesmo, quando se tratado em momentos distintos, ou seja, as probabilidades de aprovação do candidato perante vida e pós-morte mudam consideravelmente em escala ascendente.

A primeiro momento nas pesquisas Campos apresentava uma intenção de voto consideravelmente pequena perante a corrida presidencial, ele possuía enquanto vivo cerca de 8% das intenções de voto o que resumia consideravelmente suas chances de ganhar a disputa eleitoral, porém após os acontecimentos e sua morte sua sucessora Marina Silva foi indicada para ocupar o lugar de Campos na corrida presidencial devido ao fato de que a mesma antes da junção da chapa possuía cerca de 21% das intenções de voto e esse fato foi o que definiu a mesma como escolha do partido a se tornar o personagem que ocuparia a figura de Eduardo Campos e que seria o representante do estado.

Após a morte de Campos em pesquisa divulgada pelo Datafolha⁴ ela é a única concorrente que supera o percentual de intenções de voto contra Dilma Rousseff (isso no estado de Pernambuco) por 47% contra 43% da atual presidente, vale salientar ainda que mesmo com a reeleição de Dilma Rousseff a vitória de Marina Silva “no estado de Eduardo Campos” foi eminente.

Esse é outro fator que vale a pena destacar, pois a atual presidente que se reelegeu no ano de 2014 não conseguiu obter sua vitória no primeiro turno contra a Marina Silva, representante e sucessora de Eduardo pós seu acidente, mais uma prova da “fidelidade” da população do estado ao seu ex-governador.

As mídias, principalmente os grandes jornais e redes de TV tiveram papel fundamental na consagração de Eduardo Campos mediante a espetacularização da sua morte e velório.

Como citado todo velório apresenta suas peculiaridades e graças a cobertura massiva e constante das informações sobre esse acontecimento a mídia eleva a condição micro dos

⁴In: Gauchaz. Geral, Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/08/Como-o-acidente-que-matou-Eduardo-Campos-alterou-o-cenario-eleitoral-4579785.html>. Publicado em: 20/08/2016, acesso em: 08/01/2018.

acontecimentos a uma condição macro a partir do momento em que retrata a figura de Campos como um mártir promissor da política nacional, ou seja, o luto decretado e o sentimento de tristeza é difuso em meio a sociedade que emerge com inúmeras formas de rituais e posicionamentos que ajudam a enaltecer a figura do morto como “um homem de bem que teve um trágico e não merecido fim.”

A exemplo desses posicionamentos e referenciais a figura do falecido Campos, temos como exemplo essa primeira e interessante imagem em que se tem estampado a partir de uma tatuagem corporal as faces de Eduardo Campos e seu avô Miguel Arraes com a seguinte mensagem: “Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há outros que lutam muitos anos e são muito bons, mas há os que lutam toda a vida e esses são imprescindíveis”.

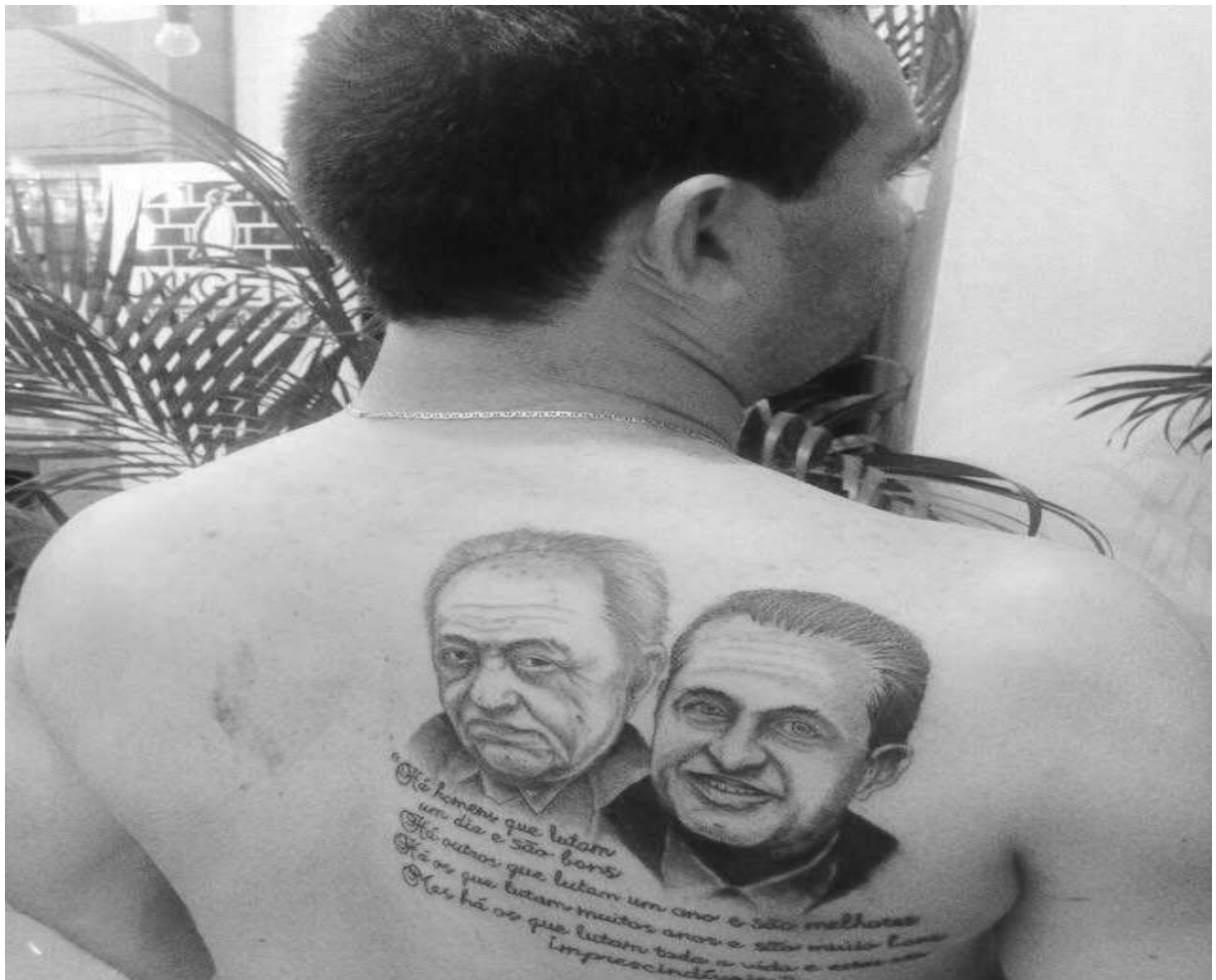


Figura I – Tatuagem feita pelo prefeito de Paulista-PE em homenagem a Campos. Fonte: [http// Google](http://Google).

A imagem/tatuagem anterior está presente no corpo de “Junior Matuto” (PSB) prefeito eleito no município de Paulista-PE no ano de 2012 e ainda atuante no período dos

acontecimentos que acometeram Campos, segundo site existente na página do jornal do comércio⁵ determinado personagem, possuidor dessa tatuagem afirma que a fez como sinal de admiração e agradecimento.

E qual a questão a ser elencada e problematizada frente a essa primeira imagem aqui produzida? Por que essa imagem aqui se faz presente?

Essa imagem que anteriormente se faz presente, está inserida dentro do presente trabalho porque ela é de fato a representação de tudo o que anteriormente está a ser trabalhado, pois a mesma apresenta em uma única forma o sentimento de luto cujo qual se emergiu em meio a população, sentimento esse que de tão forte passa a gerar atitudes de exaltação da figura do morto não apenas a partir de nomenclaturas a edifícios ou ruas públicas, mas que atinge também a esfera do particular.

Nesse caso podemos perceber que determinado personagem leva literalmente “na pele” determinada homenagem a figura dos ex-governadores (avô e neto) tratando os mesmos como mártires e exemplos a serem seguidos perante sua gestão, levando junto a foto uma mensagem que remete a figura de ambos como pessoas imprescindíveis que “lutaram” pelo seu estado, elevando-os e projetando-os como grandes homens de maneira que ajuda-se a se criar um determinado imaginário sobre os mesmos.

Perante o decorrer dessa produção fatos do gênero vão tornando-se apresentáveis devido ao fato de que os mesmos são a forma física do imaginário pelo qual tentou-se se construir e efetivar, projeção essa que não só no caso de Eduardo Campos é tido, mas que em inúmeros outros casos do tipo está presente de forma que cada um contem suas especificidades, ou seja, é a partir de situações como essa que podemos perceber a efetivação da ideologia propagada perante o decorrer dos acontecimentos, é a partir de situações como essa que torna-se nítido o impacto e o tamanho das proporções que determinado fato proporcionou e continua proporcionando, sendo que mesmo pós morte a figura emblemática do mito político ainda “vive”, mesmo que não sendo de forma literal, mas que sua memória ainda é viva, sua imagem ainda circula, e seus ideais ainda são usados como ferramentas políticas cotidianas.

Ao iniciar a análise da pesquisa e dos seus desdobramentos passamos a ver que o velório em si não ocupou realmente o papel de protagonista já que permaneceu em “segundo plano” dando lugar a interesses políticos como a tentativa de exaltar um personagem político e os

⁵ In: jornal do comércio, disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2015/02/01/afilhado-politico-de-campos-prefeito-de-paulista-diz-que-tatuagem-e-sinal-de-admiracao-e-agradecimento> publicado em: 01/02/2015, acesso em: 16/10/2018.

membros de uma família, elevando assim o nome Campos ao de uma família política tradicional no estado.

No ano do acontecimento seus filhos João Campos e a Maria Eduarda “automaticamente” após a morte do seu pai foram nomeados a cargos de considerável importância na prefeitura do Recife e no governo do Estado, na época estava evidente que o intuito desse “abraço” ao filhos do falecido objetiva futuramente a projeção dos mesmos a futuros “voos” na política estadual, a exemplo disso temos a candidatura do João Campos a deputado federal nessas eleições de 2018, fato que claramente estava nítido desde a época e que resultou nessas atuais eleições (2018) a vitória do mesmo, situação essa que será abordada sucessivamente.

Tonou-se também perceptível que a morte de Campos e os usos da mesma alterou gradativamente o panorama político nacional, obtendo o maior impacto nas eleições do estado de Pernambuco. Portanto nesse início de pesquisa considero gratificante o trabalho do historiador ao poder ser ele próprio um “crítico” do espaço-tempo, um analista de características que estão presentes em determinadas situações, mas, que ao mesmo tempo estão invisíveis para a maioria.

A mais uma vez se é importante ressaltar que, a grande difusão dos discursos produzidos e pela mídia perpassados foi um dos fatores imprescindíveis para a comoção nacional, como em todas as situações em que o tema foi abordado (sendo ele na morte de Getúlio Vargas, Tancredo Neves⁶, João Pessoa, Miguel Arraes, etc.) É graças a mídia que esses cortejos fúnebres ganham tamanha proporção.

Outro fator determinante do processo de mitificação política é o papel das grandes massas, ou seja, a posição que a população ocupa frente a essas situações, na maioria das vezes a mídia proporciona a comoção nacional e ao explorar essa condição e “fraqueza” sentimental da população a mesma faz questão de frisar pontos importantes e tentar “canonizar” a figura do morto, fazendo como se com sua morte suas virtudes transbordassem e encobrissem seus defeitos.

Em todos os casos pesquisados para tomar como referencial a produção dessa temática algumas condições tiveram papeis semelhantes, como a própria mídia e as massas, com a morte de Campos emerge um leque de possibilidades para os vivos que visam a obtenção de interesses pessoais, e o fato de sua morte é bastante atraente pois foi algo de inesperado e acometeu as

⁶ A exemplo de uma leitura mais densa do tema e sobre outros personagens como é o caso do próprio Tancredo Neves, recomenda-se a leitura do livro “O Corpo da Nova República”, do autor Douglas Attila Marcelino.

peças a sentirem essa perda trágica, e como todo “bom político” são os espaços de fraqueza que são mais explorados, são eles que tornam as pessoas vulneráveis e que as tornam acessíveis a determinadas ideologias.

Ao referir a projeção que Eduardo Campos possuía e ainda possui vale a pena ver essa imagem cuja qual faz referência a uma pesquisa feita pelo Ipesp⁷ no atual ano de 2018:



Figura II – Pesquisa realizada pelo Ipesp com a intenção de ver dentre a população qual chefe do executivo teve a melhor gestão nos últimos períodos. Fonte: Ipesp.

Como pode-se notar, tomando como sustentação a pesquisa feita pelo Ipesp com a intenção de levantar via dados numéricos qual a opinião da população ao rememorar sobre qual foi o melhor gestor do executivo no estado dos últimos tempos.

E mais uma vez aparece o personagem de Eduardo Campos em primeira posição com a porcentagem de 44% da população que afirma que seu governo foi o mais eficiente dos últimos tempos, seguido pelo seu avô Miguel Arraes com 11%. Então como podemos perceber até em dados atuais, a figura de Campos continua emblemática e a população ainda não esqueceu do mesmo, e esse fato é altamente importante para os políticos cujos quais fazem o uso de sua memória e a manipulam de distintas formas com o intuito de obter votos favoráveis.

Vale ressaltar que na maioria desses casos usa-se a imagem de campos como “uma alto-promoção” da figura pessoal, “apelando” a população a maneira que tenta-se mostrar a figura do político atual em associação com o do personagem, ou como alguém promissor que se dará seguimento aos ideais e progressos que o próprio Campos obteve ou defendeu perante sua gestão.

⁷ In: Blog da Folha: disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/politica/eleicoes-2018/2018/08/15/BLG,7306,7,947,POLITICA,2419-PESQUISA-IPESPE-FOLHAFE-EDUARDO-ARRAES-SAO-GOVERNADORES-MAIS-ACLAMADOS>. Postado em: 15/08/2018, acesso em: 17/10/2018.

Portanto a primeiro momento tenta-se fazer um breve apanhado acerca da representatividade e aceitação que Campos enquanto governador possuía no estado de Pernambuco, aceitação essa que se torna o primeiro motivo para que seja possível iniciar-se a tentativa de “canonização” de um ser público, para assim poder torna-lo mito em sua terra e poder-se a de usufruir dessa mitificação e de suas influências.

3. A elevação ao mito/ Criação de lugares de Memória.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. (CARVALHO 1990, p.55, APUD AIRES, p.42)

A partir da definição de José Murilo de Carvalho (1990) passamos a discutir basicamente, o que possibilita que certo personagem político consiga a “elevação” (por meio das mobilizações em massa cujo processo de aceitação e elevação mítica depende totalmente da participação efetiva das mesmas passando então pelo processo de classificação e substituição de sua imagem a ser representada como algo mais do que um simples mortal).

A análise do processo de mitificação política não depende apenas das forças das mídias, pois ela prescinde das ações concretas realizadas pelo próprio personagem. Como cita Debord (1989, p.116):

Para que a seca cronologia sem explicação do poder divinizado que se dirige a seus servidores, e quer ser compreendida como execução terrestre dos mandamentos do mito, pudesse ser superada e tornar-se história consciente, foi necessário que a participação real na história tenha sido vivida por grupos maiores. Dessa comunicação prática entre os que se reconheceram como os possuidores de um presente singular, os que experimentam a riqueza qualitativa dos acontecimentos como sua atividade e o lugar onde estavam – sua época -, nasce a linguagem geral da comunicação histórica. Aqueles para quem o tempo irreversível existiu descobrem aí, simultaneamente, o memorável e a ameaça do esquecimento.[...]”

Como citado o processo de mitificação política engloba grupos maiores como um dos pontos principais, esse seria um exemplo da participação das grandes massas como parte do processo que torna isso possível, dependendo então das constantes rememorações de sua imagem para que com isso sua memória como demonstra Debord na citação anterior fuja da ameaça do esquecimento. E as tentativas de não deixar-se esquecer se fazem presentes na criação dos lugares de memória.

A exemplo disso é a figura de Getúlio Vargas que perante todo o decorrer de seu governo propôs inúmeras leis em benefício do bem comum das populações menos favorecidas ou excluídas pelos demais políticos que visavam apenas a beneficiar as elites locais, tanto temos Vargas em contexto nacional quanto a família campos em contexto local, a exemplo de Miguel Arraes, avô do Eduardo Campos, tratando-se de Pernambuco. Em ambos, o mito, nasceu primeiro a partir de uma história que articula carisma e identificação com as questões populares e fabricação midiática do líder.

Assim o mito não se faz num passe de mágica, isto é, como mero exercício midiático. Ele necessita de uma historicidade e imaginário fincado na população. A morte como processo que eleva a condição humana ao mártir, a adoração, serve então como estopim para que a sociedade “acorde” e tenha como desfecho todo o ódio e clamor por aquele sujeito que deu a “vida” ou morreu num momento em que lutava para melhorar a vida e condições nacionais, fatores esses que de certa maneira elevam o nome de determinados personagens que já possuem certa historicidade de seus atos à condição de figura extraordinária. Tentar-se-á construir esse ser extraordinário como o acontecido com Eduardo Campos.

É a partir de sua morte que a figura do mesmo consegue ultrapassar as barreiras do estado, no sentido que: Enquanto vivo Campos representava sim uma enorme influência dentro do estado de Pernambuco, porém sua representatividade “ilustre” não se expandia tão fortemente perante todas as outras regiões do país fator que está presente na sua baixa popularidade e intenção de votos perante o período em que o mesmo participou da corrida eleitoral, caso que veio a mudar após sua morte e que abrange não apenas as regiões brasileiras, mas que também repercute internacionalmente.

A sua morte, como já frisamos, dera-se numa disputa à presidência da República, e, portanto, atravessada por múltiplos interesses, os quais transcendem o próprio morto e seus familiares. Tal fato se inscreve numa batalha de vida ou morte, que poderia vir a ser usada como arma para definir a vitória ou a derrota de um dos lados.

Como citado inicialmente a morte de um personagem mesmo sendo ele importante ou não traz um alto nível de comoção social, e quando isso é altamente explorado midiaticamente seu impacto é ainda maior pois atinge uma gama de pessoas numericamente, um dos fatores que vale a pena salientar e que acentua ainda mais os acontecimentos ocorridos é que Campos é acometido por tal tragédia justamente perante o período de sua campanha eleitoral pela disputa das eleições presidenciais no ano de 2014, esse fator trágico levou esses acontecimentos a comparação com os ocorridos com Vargas (1954) e Com Tancredo Neves (1985).

A morte de um líder passa também a ser usada como algo extremamente estratégico para a consagração e monumentalização da força de um sobrenome, neste caso a família Arraes-Campos. E isto, ocorre mediante a construção e nomeações de lugares, instituições, etc. com vistas a construir memórias duradouras no futuro. José Adilson Filho (2017, p.2) afirma que:

[...] A competência, por exemplo, para produzir imagens generosas do seu passado, numa trama repleta de histórias vitoriosas ou de superação, de progresso econômico, de defesa da família, da fé e da tradição, da nação, além da monumentalização e consagração dos seus nomes, através de lugares de memória (ruas, praças, pontes, colégios, estádios, aeroportos, cidades etc.) constituem algumas das suas “artes de fazer” seu espectro sempre brilhar ofuscando outros. Para além da invenção e apologia a um passado de glórias, faz-se necessário colar sua imagem ao futuro ou ao presente mais imediato. Para isso, é preciso relativizar ou mesmo camuflar certos preconceitos socioeconômicos, étnicos, sexuais e religiosos, com vistas à nova gramática dos “tempos líquidos”, e, claro, mesclando-a ao linguajar, sensibilidades e representações das camadas populares. Tudo isso, porém, feito mediante ações cada vez mais teatralizadas, em que os atores políticos representam papéis de demiurgos – figuras singulares e extraordinárias - no exercício do poder político[...]

Ou seja, uma das formas mais comuns usadas como tentativa de se legitimar, salvaguardar e gravar a memória dessas pessoas no meio social é através de nomenclaturas espalhadas por diversos setores do país com o objetivo de fixar ali a lembrança de alguém importante e que vem de forma oculta ou acompanhada de seu nome a memória de toda sua trajetória e seus “grandes” feitos, portanto características como o choro em massa da população tornam-se comuns juntamente com inúmeros atos religiosos como é o caso da celebração de diversas missas pela alma do falecido Eduardo Campos.

Fato que chega em muitas ocasiões até a elevação e a comparação do ocorrido e da figura do acometido com uma atitude católica, essas comparações religiosas são elementos que ajudam a reforçar o despertar de sentimentos dentre a sociedade, sentimentos esses que podem ser tanto de solidariedade quanto de fúria em relação a fatores provenientes ou referentes ao acontecido. Como está presente em Marcelino (2015, p.43):

Funcionando “como um complemento ou um sucedâneo das religiões tradicionais”, a religiosidade cívica, nesse sentido, se expressaria nas formas diversas de ritualização da história, entre elas os grandes funerais nacionais, modalidade comemorativa privilegiada no século XIX como “rito de glorificação”. Na perspectiva de Cartroga, portanto o ritual de enterramento, assim como os outros modos de manifestação da religiosidade cívica mencionados, representaria uma forma encontrada pelos homens para dissimular a corrupção do tempo, procurando fazer com que a memória funcionasse como um “segundo além”. Em seu protesto de fundo existencial contra o esquecimento e a morte, o homem precisaria de formas de ritualizar o tempo, entre elas os ritos de recordações como as liturgias cívicas e também a prática historiográfica, sobretudo no modo como se manifestou nos Oitocentos: “assim, mais do que em qualquer outra cerimonia necromântica, as comemorações cívicas apelavam explicitamente á mediação da memória, chamando-a a desempenhar a

mesma função pedagógica que a atribuída a toda literatura histórica. [...]” (Cartroga, 1998:224)

Portanto, como podemos perceber, os rituais a partir de cerimônias religiosas também fazem parte de todo esse processo, não somente no caso trabalhado aqui especificamente que é o velório de Eduardo Campos, mas também em outros como o do próprio Floriano Peixoto, figura cuja qual seu corpo permaneceu exposto em uma câmara durante três meses, sendo o mesmo velado constantemente dia e noite sem que se deixasse a capela vazia por nenhum momento.

Portanto a partir dessas situações podemos entender um pouco da importância que a religiosidade possui nessas ocasiões, sendo a mesma mais um dos fatores que historicamente se fazem presentes frente a essas ocasiões.

Como frisado anteriormente, uma das ocasiões realizadas para a obtenção de salvaguardar determinada memória tanto pessoal quanto coletiva é a partir de se distribuir nomenclaturas e com isso cria-se os que aqui são denominados de espaços de memória, ou seja, lugares que possuam determinada representatividade para a manutenção de qualquer memória ou personagem contra o esquecimento proporcionado pelo tempo.

Ao citarmos os espaços de memória referentes a figura do Eduardo Campos, temos diversas edificações e objetos tanto de origem material quanto imaterial espalhadas pelo país e com maior densidade no estado de Pernambuco, fator que não é algo novo e muito menos isolado na cultura política pois Campos tornou-se apenas o mais recente dos personagens a passar por isso já que anterior ao mesmo processo temos como exemplo figuras como o próprio Tancredo Neves, seu avô Miguel Arraes, João Pessoa e outros, essas nomeações (dadas a nomes de ruas, prédios, instituições, casas, etc.) é um dos processos importantes que tornam possíveis a criação desses lugares de memória. Para Peter Burke (2009, p. 165):

Os próprios monumentos eram feitos de matérias como mármore e o bronze para durar por séculos. [...] A melhor prova de preocupação do governo com a posteridade é certamente o esforço feito para encontrar autores adequados para uma história oficial do reinado.

Essa preocupação com a criação de lugares de memória faz parte do novo regime de historicidade que presenciamos com a modernidade, pois em dias atuais estão emergindo a cada vez mais situações que tentam criar lugares de memória, lugares esses que preservem a determinada importância de alguma pessoa ou de algo.

Geralmente ao se criar esses lugares, e atribuí-los com determinadas nomenclaturas o mesmo torna-se algo que vai além de um simples monumento pois ali se inicia um ciclo de memória pois esse objeto passa a transcender sua simples significação e começa a representar algo novo, a guardar ali uma história de determinada importância para a comunidade, e enquanto ali o mesmo estiver presente seu significado permanecerá intacto até mesmo ao próprio tempo, ali a memória se preservava. Como afirma Nora (1993, p.09):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas informações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

As referidas imagens que se fazem sobre a memória de alguém são altamente maleáveis e podem as mesmas incorporar sentidos ocultos como o de beneficiar determinados interesses pessoais políticos ao utilizar a figura do morto para se gerar comoção e a fácil aproximação com as camadas populares que rememoram e “respeitam a figura do morto” para pôr em prática determinados interesses, esse é um dos usos mais certos do espectro de um mito político.

E é a partir dessa liquidez que apresenta a memória que a mesma pode-se facilmente ser moldada e influenciada a partir dos objetivos de seu possuidor, assim a mesma torna-se importante tão qual “uma chave mestra capaz de abrir qualquer cadeado” pois essa memória é maleável e pode ser evocada de distintas formas e a partir do discurso ser utilizada para a obtenção de diversos interesses.

No caso aqui estudado, a memória que buscou-se se evocar a partir da figura de Campos foi sempre aquela memória de um grande líder, e com isso seus familiares e até a própria Marina Silva e Paulo Câmara usam a mesma para a obtenção de votos, sendo que é a partir da memória desse “grande” personagem público que muitos se alto denominam como seus representantes e continuadores de seu “legado”.

Como discutido após a morte de Eduardo Campos e toda a desenvoltura midiática de rememoração do mesmo o proporcionou pós morte a criação desses instrumentos de ressalva a seu personagem, onde diversos lugares passaram a receber seu nome, e não só a criação dos mesmos, mas também a mudança de seus nomes para o do “grande governador que foi acometido por tamanha tragédia”.

Essas tentativas de homenageá-lo e salvaguardar sua memória do esquecimento que o tempo proporciona levou a criação de lugares de memória que representasse a importância que o mesmo teve para o estado (lugares como ruas, prédios, etc.), então a partir de sua morte, em

Pernambuco começa a emergir inúmeros lugares com essa representatividade do mesmo, fato como que é abordado por sites como o Uol notícias política⁸, como está presente no site “Pouco menos de duas semanas após a morte de Campos, deputados estaduais começaram a propor projetos de lei para colocar o nome do ex-governador em obras e honrarias.”

Como pode-se notar, de forma quase imediata após sua morte tentou-se se instaurar aí por meio de figuras políticas a criação desses lugares de memória, e não só isso mais também passou-se a dar início a “disputa” pela representatividade que a imagem do mesmo iria claramente influenciaram ressaltando-se que tudo isso ocorreu dentro do período de campanhas e disputas políticas em que todos estavam acirradíssimos e “ferozes” pela obtenção de apoio e votação favorável.

Só após sua morte enquanto a mesma ainda estava recente, no estado de Pernambuco foram aprovadas dez das propostas de nomeação com o nome do mesmo, a exemplo a primeira refere-se ao complexo turístico portuário que passa a incluir “Governador Eduardo Campos” em seu título, e ainda integram a essas mudanças no mesmo ano: trechos de estradas, escolas, uma adutora, um teleférico e até órgãos do governo, onde muitas delas ainda nem tinham sido inauguradas, homenagens essas que ocorrera não apenas no âmbito estadual, mas que também foram concedidas sucessivamente por prefeitos, vereadores dentre outros.

Uma das críticas mais fortes referida a essas tentativas de homenagem a Campos foi a atribuição de seu nome a determinadas instituições, como se deu entorno da tentativa de substituir o nome no hospital da mulher do Recife substituindo o mesmo, além de tentar-se atribuir nome de Campos ao de Gilberto Freyre no Aeroporto Internacional dos Guararapes, projeto de lei do deputado federal Gonzaga Patriota do PSB, ambos os fatores não chegaram a se concretizar⁹.

Como pode-se notar, determinados conflitos foram gerados a partir das tentativas de obtenção da imagem do mesmo e isso tornou-se no linguajar popular uma certa “modinha” pois inúmeros políticos tentaram se aproveitar do ocorrido para atingir a população e obter votos devido ao fato dos mesmos estarem em constante “luta” para salvaguardar a memória de Campos, então com isso muitos se alto-promoviam como “representantes” do falecido ex

⁸In: Uol Notícias Políticas disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/08/31/apos-morte-de-eduardo-campos-pe-e-tomado-por-obras-batizadas-com-seu-nome.htm>. Postado em: 31/08/2015, acesso em: 03/02/2018.

⁹In: Câmara dos deputados: disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/TRANSPORTE-E-TRANSITO/493858-VIACAO-APROVA-NOVO-NOME-PARA-AEROPORTO-DE-RECIFE-EM-HOMENAGEM-A-EDUARDO-CAMPOS.html>. Postado em: 14/08/2015, acesso em: 16/12/2017.

governador, mas tudo isso com a única obtenção de ganhar reconhecimento por sua “luta” através de votos recebidos.

Esse fato na época chega a tomar proporções absurdas como é o caso dos projetos de lei referidos no penúltimo parágrafo, porém, vale a pena fazer a ressalva de que esse “espectro” de campos ainda “vive” e seu nome ainda é citado em dias atuais.

Então o caso mais evidente disso a que estou a me referir sobre a influência que Campos teve e ainda tem mesmo após sua morte é o exemplo do próprio Paulo Câmara que no ano de 2014 obtém exatamente 68,8% dos votos favoráveis à sua eleição e esses dados representam cerca de 3.000.000 de votos, enquanto seu opositor o Senador Armando Monteiro conseguiu apenas 31% deles, 31,07%¹⁰.

Porém, em pleno início do ano de 2018 o atual Governador Paulo Câmara não possuía mais a mesma representatividade que obteve em 2014 pois muitos afirmavam que o mesmo não fez valer o “presente” que o “legado” de Campos o deu, vale frisar que na época a maioria em massa das administrações (prefeituras) interioranas apoiaram o mesmo em decorrência de ser o “representante de Campos”, sua campanha eleitoral a momento algum mesmo após a morte do governador deixou de usar sua imagem e nome nas campanhas, Paulo Câmara manteve-se assim perante toda sua trajetória política atrás do “espectro vivo” de Eduardo Campos.

Esse fato é altamente interessante a análise da temática, pois como se pode uma pessoa morta representar tanto risco assim a um cenário político, como pode alguém ter mais influência morto do que vivo? O que é preciso para se conseguir tamanho espaço de respeito no imaginário social. Campos como foi bem citado anteriormente não é o primeiro a passar por esses acontecimentos.

Vale ressaltar que ainda em pleno ano de 2018 Paulo Câmara continuou usando a imagem de Eduardo Campos em suas campanhas políticas¹¹ e em meio a suas propagandas e discursos enquanto concorria à reeleição na disputa governamental por mais uma vez recorria ao imaginário político e memória de Campos e Arraes citando que: “Vamos melhorar o que Miguel Arraes já fez, o que Eduardo Campos já fez e vamos continuar a melhorar Pernambuco para mudar a vida do nosso povo, que é um povo tão guerreiro. Nossa responsabilidade é muito grande” assim diz Paulo Câmara.

¹⁰In: G1 eleições 2014 nordeste: disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/eleicoes/2014/noticia/2014/10/paulo-camara-do-psb-e-eleito-governador-de-pernambuco.html>. Publicado em: 06/10/2014, acesso em: 08/05/2018.

¹¹In: Blog do Jamildo: disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2018/09/15/no-sertao-paulo-camara-cita-eduardo-campos-e-arraes/>. Publicado em: 15/09/2018, acesso em: 10/10/2018.

Esse é o mais claro exemplo da representatividade e poder que um mito político pode ter, além do mais essa é verdadeira intenção ao tentar se criar um mito político, pois ele como é o caso de Campos ainda pode influenciar nas decisões políticas da vida mesmo morto.

Outro dos fatores que esse processo de mitificação possibilita além da preservação da memória do personagem contra o esquecimento do tempo é o legado que seus nomes deixam no imaginário social, famílias como a Campos-Arraes, a família Pessoa, a Neves, a Cunha Lima, a Vital do Rego, dentre outras, possuem fatores específicos que a destacam das outras, não que isso seja de tal forma “especial” porém as mesmas querendo ou não são favorecidas por seus antecessores representarem um certo passado e tradição na política estadual, e com isso temas “a herança política como negócios de família”.

Ao tratar da figura de Paulo Câmara¹². Temos sua reeleição como governador de Pernambuco pelo fato do mesmo ter obtido pouco mais de 50% dos votos validos do estado, enquanto novamente seu principal opositor e Senador Armando Monteiro consegue apenas 36%, como dito anteriormente Câmara não fez valer o legado deixado por seu padrinho político Eduardo Campos.

Então podemos dizer que a gestão de Paulo Câmara não chegou nem perto da de seu antecessor e o mesmo nem é tão aclamado pela população do estado, vale ressaltar que o mesmo votou a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rouseff e durante sua administração não fez grandes conquistas além de que se levar em comparação ao contexto político cujo qual se apresentou no atual é totalmente diferente do ocorrido nas últimas eleições e como exemplo temos o agravamento de votos favoráveis ao mesmo, o que só reforça o que antes foi comentado de que Câmara para muitos não se fez valer do “legado político” cujo qual se tornou sucessor.

Porém mesmo com o passar dos anos sua figura jamais se dissociou da imagem de Campos que já está morto a cerca de 4 anos, e para isso tomamos como exemplo a seguinte imagem que está presente na reportagem feita pelo jornal El País¹³ no atual ano de 2018:

¹²In: Folha de São Paulo: disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/paulo-camara-do-psb-e-reeleito-governador-de-pernambuco.shtml>. Publicado em: 07/10/2018, acesso em: 12/10/2018.

¹³ In: Jornal El País: disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/13/politica/1534112534_792160.html. Publicado em: 13/10/2018, acesso em: 17/10/2018.



ELEIÇÕES 2018 >

Uma campanha à sombra de Eduardo Campos quatro anos após tragédia

Poder do político pernambucano ainda é uma das principais vias utilizadas pelo governador Paulo Câmara para chegar ao eleitor em Pernambuco

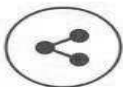


Figura III – Imagem referente a utilização da figura de campos nas atuais campanhas políticas de Paulo Câmara.
Fonte: El País.

Como pode-se perceber nessa publicação feita pelo jornal El País Paulo Câmara enquanto disputa sua reeleição no estado não sai a “sombra” de Eduardo Campos mesmo morto a determinado período, e assim utilizasse da figura do mesmo para chegar ao eleitorado do estado.

Ou seja, essa é uma reportagem clara que afirma explicitamente qual é a função da criação de determinado mito político que é justamente por meio de sua memória conter

determinada representatividade, e ao tomar o jornal como referência o próprio Paulo Câmara usa e abusa desse “benefício”.

Como está presente no site a frase de “A luta não é em vão quando a semente fica”. Estava estampada em um telão onde se aparecia as fotos de Eduardo Campos com a de Paulo Câmara, e questionasse que “o ano poderia ser 2014 quando Campos escolheu Câmara para a disputa do governo, mas é julho de 2018 e a memória do político pernambucano ainda é viva na campanha eleitoral e o eduardismo deveria ser explorado ao máximo nos próximos meses”.

Um dos pontos a serem destacados nessa frase presente no comício de Câmara é justamente a de que “A luta não é em vão quando a semente fica”, a mesma claramente faz referência a Eduardo Campos e mais uma vez se mexe com o imaginário da população de forma que ai está implicitamente perpassando a “ideia” de que Paulo Câmara é a “semente” de Campos, como alguém que provem do mesmo e que continua sua luta, tudo isso mais uma vez moldando a memória que restou do ex governador para a obtenção de votos a sua reeleição como resultado.

Torna-se interessante pois nomeou-se as homenagens e todo o referencial que foi feito a campos como eduardismo, e nisso é importante perceber que para algumas dessas estratégias ou apelo pela intenção de votos estão ativas e se fazendo presente e mesmo após anos após a morte de Eduardo o mesmo ainda é tomado como ferramenta política, no caso sua memória.

Mais uma vez se é tomado aqui como questão de reflexão, por que um morto ainda contem tanta influência? A memória é algo extremamente forte e com ela vem os sobrenomes que na política fazem bastante diferença, é interessante fazer a ressalva que o atual governador de Pernambuco Paulo Câmara nesse ano possuía cerca de 74% de reprovação de governo por parte da população.

Mas, como toda uma “boa política” pesquisas apontaram (dados esses presentes no mesmo site do El País) que o mesmo perderia para Marília Arraes no segundo turno das eleições pela disputa do governo do estado, e ocorreu que o PT em acordo para tirar o PSB da disputa nacional retira a candidatura da mesma, fator que gerou determinados desconfortos perante os que apoiavam a candidatura da petista.

Desde já para fins desse segundo momento pode-se perceber um pouco sobre o papel e influencia que o espectro de um mito político pode ter, sendo que para continuar a ser “eficaz” necessita-se que sua memória continue “viva” em meio a sociedade e para isso se é utilizado justamente a criação dos lugares de memória, lugares esses que nada mais são do que objetos espalhados pela sociedade e que ao possuírem seu nome remetam a memória e feitos do mesmo.

4. O velório em imagens e repercussões.

[...] os funerais estudados aparecem geralmente como manifestações particulares de um fenômeno cujo sentido principal é a celebração da nação e a construção de um imaginário republicano. O processo de construção memorialística, pela sofisticação teórica das análises, tende a ser compreendido de forma complexa, pois o estabelecimento da heroicidade envolve a existência de valores que façam com que os símbolos e imagens utilizados para consagrar um personagem tenham sentido para uma coletividade. [...] (Marcelino, 2015, p.46)

Esse é um dos momentos mais importantes dessa produção pois faz referência justamente ao processo principal da pesquisa que é o velório em si, velório esse que traz em seu contexto uma gama de imagens possíveis de análise e temos por exemplo o próprio *Ciro Flamarion Cardoso* que afirma:

Indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente pelo passado que ela traz à tona, um passado que revela através de um olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. [...] A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. [...] a imagem tem a importância de revelar [...] aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar de si mesma para o futuro. (CARDOSO,1997. Apud: SILVA, p.406)

Como discutido anteriormente o ponto chave dessa pesquisa se dá a partir da análise das imagens que o velório do ex-governador proporciona, não apenas para nós historiadores mas para toda a sociedade que o presenciou não só indiretamente por meio das inúmeras notícias que circularam constantemente sobre os mesmos a partir dos fatores midiáticos, mas também a toda população que lá se fez presente com o intuito de prestar-lhe uma última homenagem.

Ao estarmos inseridos numa sociedade do espetáculo (DEBBORD:1999), estamos cada vez mais propensos a presenciar inúmeros tipos de situações que não mais ocorrem apenas na esfera do privado e que não somos mais preservados de absorver suas informações pelo fato das mesmas não acontecerem em nossas proximidades pois “graças” a rapidez da grande força midiática atual que corrobora e explora essas situações ao máximo esses e outros acontecimentos começam a fazer parte do mundo globalizado e sem fronteiras.

Presenciamos o momento em que essa as imagens “falam” com tom de força de verdade podendo ser usada também na tentativa de rememoração de alguém ou de algo importante, e ao contemplarmos a “era da informação” a propaganda e difusão dessas informações não mais se limitam a um pequeno grupo de pessoas, e é capaz até de exercer devidas influencias sobre as mesmas.

É importante frisar que essa abordagem dentro do campo da história (ao se trabalhar com as representações que determinados velórios de figuras públicas podem nos demonstrar) estão inseridas dentro da história do tempo presente, em um processo de cultura política que seria:

Uma definição adequada para cultura política, evidentemente influenciada pelos autores já mencionadas poderia ser conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo de humano, que expressa uma identidade coletiva ou fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. Importa se ressaltar que a categoria representações está sendo entendida no sentido de “re_apresentar uma presença (sensorial, perspectiva) ou fazer presente alguma coisa ausente, isto é, rerepresentar como presente algo que não é diretamente dado aos sentidos, dessa maneira com base em enfoque de sentido de amplo, representações configuram um conjunto que inclui ideologia, imagem, memória, imaginário e iconografia e mobilizam, portanto, mitos, símbolos, discursos. (Apud: FALCOM, 2000, p.46)

Portanto o valor que representa esse conceito de cultura política está ligado as crenças, mitos ou tradições e é a partir do mesmo conceito que esse trabalho é enquadrado, pois como demonstra a citação acima, cultura política pode ser denominada como um conjunto de representações de grupos humanos que expressam uma identidade coletiva e que podem servir de inspiração para determinados projetos políticos futuros, algo que possui um sentido amplo e cujas representações configuram um conjunto que inclui ideologias, imagens, mitos, símbolos, discursos e memória, fatos que são totalmente evidentes nesse contexto trabalhado.

Para conceito de referenciais que abordam o termo cultura política temos duas grandes obras, a primeira é de Marc Bloc (1933) em seu livro “Os reis Taumaturgos”, onde o mesmo analisa as práticas de cura realizadas pelos reis da França e Inglaterra e que se remete ao séculos XIV e XVII, Bloc mostra nessa obra que a importância da imagem do rei e seu poder absoluto podem ser sinônimos de respeitabilidade e o remete como um personagem a se respeitar, a se seguir, poder esse que era “confirmado” pelo seu toque que possuía propriedades de cura, ou seja, tudo o que se era feito acentuava o poder absoluto do rei e esse sistema era favorecido pelas práticas representativas do poder monárquico da época. E com isso dava importância ao poder vigente.

A segunda obra refere-se a Peter Burke (2009) em seu livro “A Fabricação do rei” obra em que o mesmo demonstra que já nesse período a propaganda e a representação contribuem para a elaboração da imagem e do poder do homem público.

E a citação dessas obras são feitas justamente para fazer uma “ponte” entre nosso tema e seu surgimento, pois a cultura política é algo importante e que existe a bastante tempo, com a leitura de ambas as obras temos a noção de que o poder em si pode ser obtido de inúmeras formas, e a representatividade e posição dos meios que estão inseridos são de enorme importância, a representação e como se é visto é o ponto principal.

A seguir temos algumas das principais imagens que repercutiram e foram “alvos” de duras críticas por parte não só de alguns intelectuais como também de pessoas simples que as analisaram e as pré-definiram segundo o seu conceito de denominação:



Figura IV e V: Imagem de Marina Silva ao lado do caixão de Eduardo campos. Fonte: [http//](http://) Google imagens.



Figura V. Fonte: [http// Google Imagens](http://Google Imagens).

Como podemos perceber, nas imagens acima temos Marina Silva ao lado do caixão de Eduardo Campos juntamente da família do mesmo, porém pode-se notar que a mesma sorri, aplaude, faz gestos como se ali dentro estivesse um “herói”, um “salvador”.

Então o primeiro aspecto a ser analisado durante o velório do ex-governador e presidente Eduardo Campos é a postura que sua vice candidata a chapa tem, pois em momentos como esse a mesma passa a maioria do tempo “sorrindo” e tirando fotos com alguns políticos presentes, portanto, aí está um dos primeiros usos políticos da morte do ex-governador, onde uma pessoa ou um grupo tende sempre a usar a figura do “mito” morto para se autopromover. Marina Silva perante essas situações foi altamente criticada e alguns sites chegaram até a chama-la de “oportunista mórbida”¹⁴

¹⁴ In: gospel prime política, disponível em: <https://artigos.gospelprime.com.br/oportunismo-morbido-marina-silva/>. Acesso em 16/04/2018.

Além das “selfies” na frente do caixão, Marina Silva, agora candidata à presidenta, também apropriava-se da última frase dele: “Não vamos desistir do Brasil”¹⁵, frase que foi a última pronunciada pelo mesmo durante sua entrevista um dia antes de sua morte ao jornal nacional. Como cita Marcelino (2015, p.344):

De fato a morte do homem para o qual os símbolos republicanos tinham sido projetados de forma íntima e intensa, ao tornar-se vazio o lugar do poder, estimulou não apenas as disputas por seu corpo nos funerais analisados, mas também a figuração narrativa de sujeitos coletivos com o povo como entidade que metaforicamente, tomava o lugar do próprio corpo político da nação como construção imaginária [...] tornado sujeito central de enredos que acentuavam o componente trágico do seu destino ou mesmo na sua redescoberta e seu principal ativo de agente político [...].

Essa mudança de “slogan de campanha” representa uma pura utilização da figura do morto a partir do momento que visa maior impacto e comoção nacional fato que possivelmente se torna favorável para usos políticos. É importante também colocar em pauta que mesmo após sua morte, Eduardo Campos não teve sua imagem retirada dos cartazes e propagandas políticas locais, sendo esse outro elemento que merece análise, pois mesmo a Marina Silva não conseguindo se eleger como presidente, chegou a ocupar durante algum tempo o primeiro lugar nas pesquisas. Além da mesma conseguir vencer as eleições, 2014, no primeiro turno no Estado de Pernambuco, terra natal do ex-presidente Lula.

A força do espectro de Eduardo Campos levou a vitória ainda no primeiro turno de Paulo Câmara ao governo do estado de Pernambuco, sem falar da maioria de deputados estaduais e federais e do senador. A apropriação da figura de Campos tornou-se tão “eficiente” que a nenhum momento hesitaram em usar de seu nome para a obtenção de benefícios próprios, o próprio Paulo Câmara em um de seus discursos fazia questão em pronunciar essas palavras: “Quem está com Eduardo está com Paulo. Quem não está com Paulo não está com Eduardo”¹⁶.

Mais uma vez torna-se evidente a alto uso da apropriação da imagem do morto Campos para a obtenção de benefícios próprios, é importante após o último parágrafo salientar que Paulo Câmara foi o governador que mais obteve votos no país, alcançando cerca de 68% de votos favoráveis à sua vitória no estado.

¹⁵ Granjeira.J.2014. **Novo jingle de campanha de Marina usa frase de Eduardo Campos**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/novo-jingle-de-campanha-de-marina-usa-frase-de-eduardo-campos-13735771>. Acesso em: 04/11/2017.

¹⁶ In: Jornal do comércio online/Uol política, disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2014/08/19/ex-governador-e-tratado-como-mito-na-frente-popular-141154.php>. Postado em: 19/08/2018, acesso em:06/03/2018.

Portanto ao dissertamos sobre essas inúmeras situações referentes ao ocorrido, é importante “LEMBRAR” que por “baixo” de toda essa teatralização, ao lado das “poses” que marina silva fez para as fotos, existiam os restos mortais de uma pessoa, torna-se interessante salientar isso porque esse deveria ser a principal questão do assunto e do próprio velório, pois é uma pessoa morta que está ali do lado, então se é o enterro de Eduardo Campos, se ele está ali morto, se é o seu velório por que esses não são os fatores principais da análise dessa temática?

A resposta é evidente, simplesmente porque o morto ai toma um papel secundário e a “espetacularização” desses acontecimentos se apropria do lugar principal do mesmo, ou seja, os interesses em torna-lo um mito político, de enaltecer a sua imagem e a de o comparar como um homem simples, do povo igual o seu avó sobrepõem a fatalidade ali ocorrida, e isso sem citar que junto a Campos viajavam mais seis pessoas, obtendo ai um total de sete pessoas mortas então por que seus nomes mal são lembrados ou pronunciados pela mídia, torna-se interessante levantar esse questionamento pois de certa forma apenas a figura do ex-governador é rememorada a todo instante, apenas sua família recebe “os pêsames” da maioria da população e de “figuras importantes”, esse é um dos aspectos que tornaram-se evidente durante esse processo de tentativa de mitificação política em específico. Como cita Marcelino (2015, p.34):

A análise de Hobsbawm, dessa forma, apostou intensamente na racionalidade dos sujeitos históricos para explicar a constituição das tradições nacionais, assim como a ênfase no falseamento da realidade subjacente a noção de “invenção” pareceu transformar aqueles que mobilizavam tal arsenal simbólico em sujeitos plenamente conscientes, que não partilhavam da crença naquilo que ajudaram a conformar. Por outro lado, o enfoque somente na dimensão política dos usos do passado deixou de lado os mecanismos culturais que permitem compreender o surgimento do imaginário nacional, concebendo o campo da memória e das tradições como algo que pode ser manejado sem quaisquer constrangimentos da ordem do funcionamento do simbólico.

Como está presente na citação acima os “arsenais simbólicos” são manuseados por sujeitos totalmente conscientes de suas pretensões, e que possivelmente não partilham da crença que os mesmos ajudam a construir, portanto as principais vítimas e os personagens para que esses arsenais estão voltados são justamente a população.

Esse simbolismo como é o ocorrido no caso de Campos chega a ser tão forte em suas representações que em determinados momentos os outros personagens chegam a ser “esquecidos” como se “apenas a vida de Eduardo Campos” foi tirada de forma fatal, a partir daí se pararmos para refletir podemos chegar à conclusão que esse é um trabalho sério e que essas questões são importantes de serem levantadas.



Figura VI: Imagem do carro de bombeiros que desfilou com os restos mortais de Campos. Fonte: Google imagens.

Como podemos ver, logo acima está o carro do corpo de bombeiros que levou os restos mortais de Campos perante o percurso de seu funeral, vale a pena frisar que historicamente os restos mortais de outras figuras importantes que também passaram pelo processo de mitificação política também foram levados pelo carro do corpo de bombeiros a tomar como exemplo o do próprio Tancredo Neves no estado de São Paulo em 22/04/1985, e como podemos ver o caixão em si mal aparece, nesse lugar de destaque está a família dele com uma de suas fotos em mãos e apontando para cima.

Como sabemos uma das características mais fortes e que se engloba mais nitidamente com a espetacularização está presente nessa imagem, onde os restos mortais do ex-governador do estado “desfila” em cima de um carro de bombeiros nas principais ruas da cidade do Recife, no qual Marina Silva e a família de Campos seguem junto acenando para as milhares de pessoas que acompanhavam o cortejo como último ato de despedida.

Estima-se que cerca de 160.000 pessoas acompanhavam o percurso do velório de Campos, segundo dados da polícia militar¹⁷, gritos de “justiça” e a presença massiva de políticos foram o que não faltaram durante esse ato fúnebre. Como cita Marcelino (2015, p.19):

Tal como certas práticas culturais de ritualização do luto, aquela narrativa histórica parecia tentar amenizar a dor da perda por meio de uma encenação narrativa que, conferindo um lugar ao morto, conformava um sentido para a vida dos vivos, num momento em que a tragicidade dos acontecimentos experimentados tornava particularmente urgente a necessidade de assegurar o futuro das instituições republicanas.

Ao observamos toda essa teatralização durante o velório, torna-se perceptível que todos esses acenos e beijos dados a população tomam o espaço principal da ocasião que seria o triste momento que é encoberto por um cenário político, deixando em segundo plano o fato dos restos mortais do ex-governador estar ao lado roubando a cena. Um show de horrores, assim fora chamado pelos críticos nas redes sociais. Pois não houve limites e nem bom senso quanto à exploração política da imagem de um morto, feito principalmente por sua esposa e filhos e Marina Silva, evangélica da Assembleia de Deus.

Mesmo com tudo o que estava acontecendo, como as perdas, as mudanças no cenário político e o futuro das eleições alguns fatos não cessaram, como traz Marcelino (2015, p.344-345):

[...] Tal fato não impediria a elaboração de narrativas que, em certos casos, pela própria natureza dos gêneros de discurso produzido, acentuavam o sentido trágico conferido a história nacional, dentro da qual o “povo brasileiro” podia figurar como um personagem que ocupava lugar central, tornando-se sujeito da história e motor explicativo da temporalidade que tais representações históricas projetavam para o desenvolvimento de uma nação que, apesar dos infortúnios do presente, precisava continuar sendo construída como expectativa.

Com tudo isso os protagonistas desse “espetáculo” buscavam consagrar Campos como um novo mito político, tal qual seu avô Miguel Arraes através da apropriação também de algumas de suas imagens, como o chapéu de palha e simbolismos adequados aos jogos de poder no imaginário social, no caso de Eduardo apropriou-se de suas últimas palavras.

A figura de Eduardo Campos tentou ser demonstrada em comparação a seu avô, com o intuito de justificar o misticismo de ambos, seus túmulos estão presentes lado a lado no

¹⁷ In: sitio da internet jogo do poder, disponível em: <http://www.jogodopoder.com/blog/politica/eleicoes-2014/ato-politico-marca-funeral-de-eduardo-campos/>. Postado em: 18/08/2014, acesso em: 08/01/2018.

cemitério, túmulos esses que não possuem grandes adornos que demonstram poder, mas ambos são simples, talvez para passar a imagem de “homens comuns” de pessoas do “povão” normais.

A seguir temos uma “figura emblemática” que estava presente nas ruas do Grande Recife no dia do cortejo fúnebre de Eduardo Campos.



Figura VII – Pessoas que estavam nas ruas do Recife para ver o cortejo do ex-governador. Fonte: You Tube, Velório de Campos.

“A linhagem de Doutor Miguel Arraes ainda existe¹⁸”, diz esse homem totalmente ornamentado com a bandeira do Brasil desde sua blusa até o chapéu que encontra-se sob sua cabeça, e ao deferir determinado pronunciamento no contexto que estava se passando o mesmo torna-se o “emblema” principal gerido a partir de um dos resultados dessa tentativa de mitificação política.

Como podemos perceber sua figura expressa fortemente o sentimento de nacionalismo e comoção que se fez presente decorrente do ato fúnebre, e se prestarmos bem atenção encontra-se espalhado perante o tecido que envolve seu corpo fotos da chapa encabeçada por Eduardo e

¹⁸ In: you tube, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JgJckViG_kI&t=111s. Publicado em: 17/10/2014, acesso em: 19/08/2017.

Marina, ao citar que a linhagem de “Dr. Miguel Arraes ainda existe” talvez o mesmo esteja se expressando de forma que faça referência ao próprio Eduardo e seu filho João Campos que possivelmente e como está ocorrendo poderá ou não dar continuidade ao legado de seu avô e pai.

Durante o momento de filmagem do velório aparecem personagens como esse e de certa forma a mídia repassa justamente essas imagens como uma forma de enaltecer o cortejo a partir da participação intensa das massas que gritavam por “Justiça”, e “morre um guerreiro” foram palavras fartamente usadas perante o cortejo fúnebre. Fator que a mais uma vez corroborou com as tentativas de elevar a figura de Eduardo como mito, além do mais, pessoas de “alta relevância” como Lula, Dilma, Aécio, Marina, José Serra dentre outros políticos marcaram presença no velório.

Porém outras frases repassadas pela mídia sobre colocações de determinadas pessoas como a do próprio Dom Fernando Saburido, arcebispo de Olinda e Recife durante a missa campal de que “Precisamos continuar lutando pelo Brasil¹⁹”, segundo o mesmo site (Sitio da internet), Manoel Francisco dos Santos, com 74 anos e que trabalhava como carregador foi um dos personagens que fizeram questão de ver Campos e prestar-lhe uma última homenagem, chegando na manhã de sábado no local do velório e saindo apenas no domingo à tarde, porém o interessante foram suas palavras: “Eduardo mora aqui. É o meu patrão”. “Vou votar na Heloisa”, pronunciou ao ser alertado que ela seria a provável substituta de Campos, e o auge de todo esse pronunciamento foi quando o mesmo citou que: “não importa quem ela seja. Importa a bandeira que ela leva”.

Essas pronúncias feitas por pessoas que representam distintas camadas sociais ao serem repassadas pela grande mídia, são inseridas como uns discursos que viabilizam a possibilidade de tornar Campos um símbolo nacional. Como cita José Adilson Filho (2009, p.136) “A inflação de adjetivos usados para qualificar certos políticos, [...] é reveladora da importância que tem o discurso na construção e legitimidade do líder no imaginário social”.

Vale ressaltar que as tentativas de mitificação de Eduardo Campos estão altamente relacionadas a figura do seu avô Miguel Arraes, figura “emblemática” do cenário político pernambucano, a exemplo disso temos toda uma trajetória política de Campos enquanto vivo que fazia menção a seu avô, a exemplo disso é a retomada que o mesmo da no estado aos

¹⁹ In: sítio da internet Jogo do Poder, disponível em: <http://www.jogodopoder.com/blog/politica/eleicoes-2014/ato-politico-marca-funeral-de-eduardo-campos/>. Postado em 18 de ago. 2014 . Acesso em: 06/05/2018.

projetos do seu avô que “encalharam” na década de 80, ou o símbolo mais forte que foi tomado por apropriação do mesmo se dá a partir do uso do chapéu de palha, símbolo de maior representatividade de Arraes.

Outro dos fatores que são possíveis de dúvidas e que são tomados como “fatos do destino” é o dia que Campos morre, 13, mesmo dia da morte de seu avô, sendo esse mais um dos fatores que auxiliam na tentativa de mitificação do mesmo, após o desenrolar de todos esses acontecimentos surge a figura de João Campos que “dá continuidade” ao uso do chapéu de palha e da frase “não vamos desistir do Brasil”.

O interessante é que a cada momento não só a própria família do Eduardo Campos, mas também diversas outras figuras políticas tentaram usar o fato para que suas imagens também aparecessem ao lado da figura com o intuito de se beneficiar politicamente.

Sabemos que as imagens do sepultamento foram excessivamente exploradas durante mais de 12 horas pela grande mídia, sobretudo, à Globonews, no afã de favorecer a candidatura de Marina e Aécio Neves contra Dilma Rousseff. Algo que quase se concretizou, na medida em que tornou Marina Silva no principal cabo eleitoral de Aécio Neves no segundo turno, cuja derrota para Dilma fora apertadíssima.

Em dias atuais temos a figura de João Campos como “sucessor” de seu pai e outro “jovem promissor” de uma carreira política, sem deixar escapar seus traços como um jovem de origem de uma tradicional família de Pernambuco, o jornal Diário de Pernambuco publica uma matéria no dia 08/01/2018 citando que: Ao entrar pela porta do Palácio das Princesas (local onde ocorreu o sepultamento de Campos e Arraes) no dia 18 de fevereiro de 2016, aos 22 anos – a mesma idade que o pai passou a ser assessor de Miguel Arraes, no ano de 1987 – ele foi alvejado de críticas pelos adversários, que não o consideravam preparado para o cargo e alegavam que ele não tinha sequer concluído o curso de Engenharia Civil. João Campos hoje está formado e com 24 anos²⁰.

Como demonstra essa notícia publicada pelo jornal Diário de Pernambuco no início desse ano, 2018, O filho de Campos é retratado como um legado do estado e irá concorrer ao cargo de Deputado Federal, seria esse um dos processos resultado de tanta espetacularização da morte de seu pai, que seria dar continuidade ao nome da família na política ou algo mais está por vir...

²⁰ In: Diário de Pernambuco Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2018/01/09/interna_politica.737313/e-foi-dada-a-largada-para-joao-campos.shtml. Postado em:09/01/2018, acesso em: 11/01/2018.

E como “se esperava” em pleno ano de 2018, João Campos é eleito o deputado federal mais votado de Pernambuco como afirma o Jornal Diário de Pernambuco²¹.



Figura VIII – João Campos filho de Eduardo e deputado federal mais votado no estado. Fonte: Google Imagens.

Perante o decorrer da elaboração da temática pesquisada e das problemáticas a serem levantadas, João Campos era um dos quesitos a serem levantados pois em volta dele se criava a perspectiva de sua entrada na política, pois a questão levantada era justamente a de que... Será que o espectro do pai irá reforçar e ajudar na projeção de seu filho para uma carreira política futura?

Então comprovando-se a resposta a esse questionamento foi sim, já que João Campos filho e devido “sucessor” de seu pai Eduardo Campos foi eleito como o deputado federal mais votado do estado de Pernambuco, alcançando aí mais de 400 mil votos, quase o dobro da segunda colocada a sua prima Marília Arraes.

Vale salientar que João tem apenas 23 anos, mas seu nome e principalmente o de seu pai o fez se eleger no estado em primeiro lugar, desde já a partir daí podemos perceber que o

²¹ In: Diário de Pernambuco Disponível em:

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2018/10/07/interna_politica,764871/com-mais-de-400-mil-votos-joao-campos-e-eleito-deputado-federal-mais.shtml. Postado em:07/10/2018, acesso em: 17/10/2018.

processo dos velórios como liturgias cívicas são sim extremamente eficientes e historicamente contém um valor inigualável pois o mesmo gera resultados que vão a se desdobrar perante o passar dos anos e com isso o mesmo vem a influenciar na historicidade e acontecimentos que englobam a sociedade e a vida cotidiana.

Para fins desse terceiro momento considero que essa parte voltou-se para se demonstrar os fatos que ocorreram perante o ato analisado, e as particularidades desses momentos, sendo que ficou a se indagar o último ponto levantado sobre a eleição do filho de Eduardo Campos como um dos resultados desses acontecimentos.

Portanto como foi perceptível o tempo histórico e o tempo dos acontecimentos são fluidos, unindo-se por longos fios que atravessar as noções de tempo, e se os resultados de todo esse contexto estão por si próprios encerrados não se pode saber, então o que você acha, essa história aqui terminou ou alguma “ponta” do “iceberg” se perdeu e ainda está para emergir...

5. Considerações Finais.

Ao concluir esse trabalho, considero que o mesmo foi altamente gratificante e prazeroso já que a partir do mesmo tornou-se perceptível um dos instrumentos que levam a manutenção de determinadas famílias políticas ao poder, sabemos então que o tempo dos acontecimentos é fluido e os resultados de todo esse processo ocorrido no ano de 2014 apenas está emergindo aos poucos, por exemplo do que se aconteceu em 2018 com a vitória de João Campos a posição de deputado federal.

A partir dessa pesquisa pode-se perceber que uma das primeiras características passíveis para tornar a figura de um homem público a um determinado mito político é a “adoração” do mesmo por parte da população, população essa que é o pilar fundamental para o despertar desses acontecimentos.

Vale frisar que, também é de suma importância entender um pouco sobre o quão maleável é a memória, e com isso podemos a “reescrever” a nosso bel prazer e utiliza-la da maneira que acharmos adequado, podendo a mesma se tornar em determinados contextos como o trabalhado como uma ferramenta poderosa e eficiente.

O tema aqui presente é importante deixar claro que é a análise dos processos que englobam os funerais como liturgias cívicas e isso não é a primeira vez que acontece, pois, como citado anteriormente, diversos outros personagens passaram pelo mesmo patamar de “canonização”. E a figura de Campos é aqui utilizada apenas como um determinado “suporte” para se compreender os fatores pertinentes a esse processo.

Referências Bibliográficas.

ADILSON FILHO, José. (2009). **A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belo-jardinense.** Recife: Comunigraf. 2017.

AYRES, Luciano Queiróz. **A fabricação do mito João Pessoa.** EDUFCEG. 2013.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio, França e Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BURKE, Peter. **A Fabricação do rei: A Construção da Imagem Pública de Luís XIV.** 2.ed.Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CÉSAR, Fábio S. A MORTE DE EDUARDO CAMPOS E AS ESTRÁTEGIAS DE FABRICAÇÃO DE UM NOVO MITO POLÍTICO. In: **V Colóquio Nacional de História Cultura e Sensibilidades.** Vol:5: 1143-1158. 2015.

DÉBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto. (1989).

FLEXIBILIZANDO PARA NÃO QUEBRAR: FAMILIAS POLÍTICAS TRADICIONAIS E SUAS ESTRATEGIAS DE PERMANÊNCIA NO PODER. In: **Campo da História.** Vol:2 :28-35.

MARCELINO, Douglas Attila. **O Corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político / Douglas Attila Marcelino.-** Rio de Janeiro: FGV Editora. 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O conceito de Cultura Política.** Anais do X encontro Regional da ANPUNH_MG. Mariana, 1996, pp.83_91.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problematização dos lugares.** Revista Projeto História, São Paulo, v, 10, p.7-28. 1993.

RÉMOND, René (org.), **A Nova História Política**. Rio de Janeiro: FGV.1996.

ROCHA, Paula Roberta Santana; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **A Morte como Espetáculo Midiático**. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2013, Rio Verde: Anais... São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-15.

Zygmunt, B. (1925). **Modernidade líquida**. Zahar, 2001.